

PRODUÇÃO DE UMA CARTILHA DIDÁTICA: UMA ALTERNATIVA Á PRÁTICA PEDAGÓGICA¹

Diego da Silva de Souza²
Maria Fabiana Barreto Neri³
Nilvânia de Jesus Santos⁴
Luciana Teixeira⁵

Resumo: *O artigo exposto visa socializar a experiência da construção de uma cartilha (“Uma viagem divertida pela Barragem do Rio da Dona”), na qual se considerou as percepções e vivências dos(as) discentes e moradores(as) dos povoados Cruzeiro de Laje (Laje/BA) e Albino (Varzedo/BA), que se localizam no entorno da Barragem, sofrendo assim maiores transformações socioambientais devido a essa construção.*

Palavras-chave: Cartilha didática; Barragem; Percepções socioambientais.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende socializar nossas experiências em relação à produção da cartilha didática “Uma viagem divertida pela Barragem do Rio da Dona”, cuja proposta buscou atender à discussão acerca dos impactos sócio-ambientais, observados, em especial, nos povoados do Cruzeiro de Laje e Albino, localizados na região do recôncavo baiano, nos municípios de, respectivamente, Laje e Varzedo. Esse material didático foi proposto e elaborado por um grupo da turma, a fim de contemplar as exigências da Avaliação Transversal (A.T.), articulada pelo componente curricular Prática de Ensino, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus V, no curso de Licenciatura em Geografia, Santo Antônio de Jesus-BA.

Esse material começou a ser pensado no segundo semestre, quando elaboramos o projeto que tinha como título: “A produção de uma cartilha didática visando uma maior conscientização sobre a preservação ambiental em escala local, enfocando a Barragem do Rio da Dona”. Esta se localiza nas fronteiras dos municípios de Varzedo, Laje, São Miguel das Matas e Santo Antônio de Jesus - Ba, este último sede do campus V / UNEB, onde estudamos.

No terceiro semestre fizemos algumas modificações no projeto original, o qual adquiriu outro título: “Cartilha didática: uma alternativa para práticas pedagógicas”, bem como readequamos o objetivo geral, que passou a ser a investigação, por meio de vários instrumentos,

¹ Esse trabalho é resultado das reflexões acerca da Avaliação Transversal realizada durante os primeiros semestres do curso e contou com a orientação dos professores: Augusto César Rodrigues Mendes, Patrícia Pires, Djalma Vila Góes e Luciana Teixeira.

² Estudante do Curso de Geografia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus V. E-mail: diegodesouza10@bol.com.br.

³ Estudante do Curso de Geografia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus V. E-mail: mariafbneri@yahoo.com.br.

⁴ Estudante do Curso de Geografia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus V. E-mail: nilvaniajs@yahoo.com.br.

⁵ Orientadora – Mestre, professora do Curso de Geografia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/ Campus V. E-mail: lunasouza@yahoo.com.br.

entre eles, os mapas mentais, da percepção dos educandos sobre os impactos sócio-ambientais decorrentes da construção da Barragem do Rio da Dona, buscando, através da participação dos mesmos na produção de tais mapas, a valorização de seus conhecimentos prévios.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Posteriormente partimos para definir a metodologia da pesquisa. A princípio selecionamos algumas fontes teórico-conceituais, que foram tomadas como base para introduzir uma discussão sobre os temas vinculados à cartilha (erosão, conservação ambiental, mata ciliar, paisagem...). A seguir, optamos por coletar e considerar as informações relativas às vivências da comunidade extraídas através de relatos dos moradores e estudantes locais. Também nos dedicamos a leituras referentes aos instrumentos de coleta como os modelos de entrevistas e principalmente a utilização dos mapas mentais. Entramos em contato com os textos de autores como Nogueira (2004), Alves (1996), Passini (1994), Callai (2000), Reigota (2001), Guerra (2003), além do Relatório Técnico Científico, elaborado pelos responsáveis do Projeto do Rio da Dona (OLIVEIRA e GÓIS, 2003) que serviram como principais referências para a construção deste trabalho.

Este último, ao discutir entre outras questões, os aspectos sociais e ambientais da já referida área, nos forneceu dados fundamentais para o conhecimento deste lugar, dos seus problemas, das suas potencialidades... Outras leituras interessantes para a elaboração da cartilha foram de Reigota, Callai, Guerra. Ambas nos auxiliaram em alguns conceitos, mas tivemos o cuidado de adequá-los à linguagem desses educandos, já que o público-alvo previsto para a intervenção do projeto apresenta uma faixa etária aproximadamente entre 7 a 9 anos. Para melhor compreensão de como se dá o processo de aprendizagem dessa faixa etária recorremos a Passini, que além de explicar os estágios da inteligência da criança, faz uma ressalva sobre a necessidade dos educadores trabalharem com a percepção dos educandos sobre a realidade que os cerca. Essa questão foi também analisada por Alves e Nogueira, ambas com uma discussão sobre as possibilidades de uso dos mapas mentais, evidenciando alguns passos necessários para a implantação dessa metodologia, tais como a realização em princípio da entrevista, ou seja, o uso do diálogo, para posteriormente os discentes e moradores construir os mapas mentais. Além desses fatores, do texto de Alves tomamos emprestada a idéia de inserir na capa da cartilha (ver anexo) um mapa mental, já que o mapa de Carina Almeida de Vieira mostra com riqueza de detalhes as transformações ocorridas nessa localidade devido à construção da barragem.

Constatamos assim a importância desses mapas, como um recurso investigativo do lugar, buscando conhecer as vivências e percepções daqueles que habitam nos povoados Albino e Cruzeiro de Laje, que segundo estudos sobre o local (Oliveira Góis, 2003), sofreram as maiores interferências ambientais e sociais com essa construção. Assim fomos até o campo de pesquisa, realizando as entrevistas e a elaboração dos mapas mentais, contando com a contribuição de moradores e educandos desses povoados, os últimos oriundos das escolas de ensino fundamental Lídia Almeida Assis e João José da Silva.

Esses momentos foram decisivos para adquirirmos a noção da percepção sobre as mudanças na paisagem devido à já mencionada construção, quando constatamos também a relação afetiva daquelas pessoas com o lugar, que eram evidenciadas nas entrevistas e principalmente os mapas mentais. Portanto, podemos afirmar que são sábias as palavras de Nogueira (p.129, 2002), quando sugere que: “Os mapas mentais são representações construídas

inicialmente tomando por base a percepção dos lugares vividos, experiênciados, portanto parte de uma dada realidade.”

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao analisar os mapas mentais percebemos a heterogeneidade referente às visões sobre a edificação (barragem), as quais na medida do possível foram introduzidas na cartilha. Portanto, para que o (a) leitor(a) dessa cartilha possa construir suas próprias conclusões, inserimos mapas que apresentam aspectos relatados como negativos e positivos da construção da Barragem do Rio da Dona.

Um desses mapas evidencia a inundação de casas, de árvores, lugares que tinham um significado afetivo para uma moradora e que foram submersos. Já outro mapa mental demonstra supostamente o surgimento de alguns benefícios como o aumento da pesca, lugares de lazer para as pessoas... Além desses aspectos foram relatados em outros mapas e nas entrevistas o aumento do turismo, submersão de poços, onde a maioria da comunidade local retirava a água para o consumo, já que grande parte dessa população não possui água potável, situação que curiosamente não se modificou mesmo com a construção da Barragem que tem como principal objetivo a distribuição de água tratada para a cidade de Santo Antônio de Jesus.

Diante da receptividade encontrada no local, e principalmente sentindo a necessidade de produzir discussões sobre a realidade vivenciada por esses moradores e para lembrá-los de que são agentes responsáveis pela transformação social, escolhemos alguns destes, para tornarem-se personagens da historinha contida na cartilha, na qual consta, além dos mapas mentais, as fotografias do lugar (Albino), bem como música (Xote ecológico, Luiz Gonzaga), referentes a degradação ambiental, glossário, que apresenta termos abordados no material pedagógico, não seguindo a ordem alfabética, como comumente observamos nos livros, já que pretendemos demonstrar a interdependência dos conteúdos. Assim como há estorinhas (O rio e a cidade dos homens; O fogo e a floresta), recadinho legal (Depende de nós), com o objetivo de propiciar aos moradores/as a possibilidade de fazer analogias com o lugar e também que eles/as sejam arquitetos/as da construção do seu saber.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi por perceber que a localidade estudada tem grande potencial para o trabalho de extensão integrando comunidade-universidade e também por sentir a carência de recursos pedagógicos que abordem aspectos partindo do conhecimento local para uma escala maior, é que começamos a pensar na produção desse material. Durante o curso tivemos a oportunidade de avaliar alguns livros didáticos e observamos que inúmeras vezes está retratada ali uma realidade distante, por isso, os/as educandos/as não se sentem representados/as e nem percebem suas realidades refletidas nesses livros, que normalmente enfocam os problemas e situações verificados, sobretudo, na região sudeste.

A nossa cartilha, ao valorizar o cotidiano dos/as discentes, tenta despertar nos/as mesmos/as a atenção para a responsabilidade pelos problemas sociais e ambientais das suas localidades para que percebam que o acúmulo das ações individuais pode fomentar transformações em nível local, regional e até global. É óbvio que as realidades apresentadas e discutidas nos livros didáticos são importantes e devem ser consideradas nos espaços educativos, principalmente em tempos de globalização, visto que há uma interdependência entre

os lugares, o mundial influencia as ações locais. Entretanto, o contrário também é verdadeiro, em especial porque dá visibilidade aos problemas enfrentados em nível local e que podem ser reflexo de uma lógica global imposta sem discussão com os agentes do lugar, por isso há relevância em estudar o local confrontando com discussões mais abrangentes sem isolá-lo no tempo e no espaço.

Até mesmo porque é em nível local, no cotidiano onde os eventos se materializam, que podemos efetivamente agir, tentar modificar a realidade social vigente e que muitas vezes, exclui, segregava. Essa responsabilidade, a necessidade de sermos cidadãos/ãs, ativos/as é um dos aspectos que buscamos contemplar com a construção dessa cartilha.

Outro ponto de destaque na cartilha foi a nossa preocupação em “pedagogizar” os temas geográficos, procurando, assim, nos aproximar da linguagem local, sem perder de vista os conceitos teóricos próprios da Geografia, considerando que é sempre muito necessário o esforço em levar em conta o conhecimento popular, não sistematizado ou não-formal como construção teórica, diminuindo a barreira existente entre este e o chamado conhecimento acadêmico. Contudo, vale ressaltar que este material pedagógico se encontra em permanente processo de (re)-construção e, nesse momento, estamos experienciando/experimentando propostas de ação pedagógica com o uso do mesmo, prevendo um trabalho de socialização com a comunidade e até mesmo estendê-lo a outras escolas da região, de forma a alcançar um de nossos principais objetivos, que é disponibilizá-lo como mais um elemento didático de apoio e que possa contribuir para as práticas pedagógicas nos espaços educacionais formais e não-formais da região.

5. REFERÊNCIAS

ALVES, Mariza Weber. Percepção da Arquitetura do Urbanismo: Uma aproximação com o ensino nas classes populares. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Lívia. (Org). **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, UFSCAR, 1996.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. IN: CASTROGIOVANNI, Antonio (Org). **Ensino de Geografia: prática e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000, cap.2, p.83-134.

GUERRA, A.T; GUERRA, A.J.T. **Novo Dicionário Geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2003.

NOGUEIRA, A. R. B. Mapa Mental: recurso didático para o estudo do lugar. In: PONTUSCHAKA, N.N; ARIOSVALDO, V. de O.(Orgs.) **Geografia em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002, p.125-131.

OLIVEIRA, Ademário Reis de; GÓIS, Djalma V. **Relatório Técnico Científico**. Projeto Rio da Dona. UNEB, Campus V, 2003.

PASSINI, E. Y. **Alfabetização cartográfica e o livro didático: uma análise crítica**. Belo Horizonte: Lê, 1994.

REIGOTA, M. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense 2001.